

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

Revista de Cultura

**Epítome da história literária
de Mato Grosso**
(p. 256-266)



— Vol. XV (janeiro - junho de 1934), nº 90 —
Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

“Epítome da história literária de Mato Grosso”

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Vol. XV (janeiro - junho de 1934), nº 90, p. 256-266.

José de Mesquita

De quantos se tem occupado até hoje com o estudo do nosso passado, nenhum se propôs a apreciar a nossa evolução literária pondo-a em equação com os centros mais adiantados do país, e estudando, através das varias phases da nossa cultura, as influencias mesologicas, de par com as exercidas pelo meio exterior, quasi sempre reflectidas tardiamente entre nós.

Tal estudo constituiria, por sem duvida, um importante subsidio a historia da civilização matogrossense, considerada esta como uma resultante de que a literatura é uma das mais valiosas componentes.

Sabido que o esboço da evolução artística ou literária de um povo deve ser traçado levando-se em conta os factores que influem para a differenciação dos vários períodos e a attender-se á nossa condição que nos traz adstrictos, com bem raras excepções, á imitação de modelos literários de importação, fácil é concluir pela necessidade desse estudo comparativo entre os nossos escriptores e aquelles que sobre os mesmos exerceram o seu influxo.

Ao travar o diagramma de nossa historia literária através de pouco mais de dois centennios, podemos estabelecer, como marcos differenciaes, os próprios estágios político-sociaes que, nesse lapso de dais séculos, caracterizaram a evolução matto-grossense.

Temos assim, primeiramente, a phase dos chronistas, correspondente ao período colonial, que se seguiu ao descobrimento e organização dos primeiros núcleos de população até pouco depois da constituição da Capitania (1718-1780); a

seguir, a éra das explorações scientificas, que se inicia com a entrada da Comissão de Limites, no governo de Luis de Albuquerque, e se estende até meados do século seguinte (1780 a 1870); após, a época do romantismo, iniciada em nosso meio já por volta de 1870 e prolongada ate a século actual, quando se abre, em 1910, a ultima phase, que chamaremos contemporânea, assignalada por uma floração de talentos, marcando tendências dispaes, mas caracterizada por uma salutar reacção contra os excessos da escola romântica e marcado pendor pela forma e esmero na vernaculidade.

Bosquejada assim, nas suas linhas geraes, a historia da literatura em Matto-Grosso, historia que melhor se poderá dizer da nossa evolução mental, pois impossível fora isolar, entre nós, as bellas letras propriamente ditas dos ensaios scientificos — fácil será indicar, perfunctóriamente, as influencias exercidas por factores internos ou externos nas diversas phases da cultura matto-grossense.

O período inicial

A phase dos chronistas que, como a que se lhe segue, reproduz, no justo conceito de Virgilio Corrêa Filho, «em miniatura, o mesmo phenomeno que se verificou no Brasil» (1), caracteriza-se por aquelle sensível influxo do gongorismo português do século XVII, que Mario de Lima faz consistir, com muita precisão, no «preciosismo da linguagem» e na «vacuidade de conceitos», quando se refere as obras dos chronistas primevos de sua terra (2).

Effectivamente, a leitura desses primeiros documentos de nossa historia, que enfeixam cuidadosamente os factos e eventos mais notáveis dos primitivos povoados matto-grossenses, capacita-nos desde logo da pouca valia literária de taes trabalhos,

(1) «Matto Grosso», pag. 110.

(2) «Esboço da Historia Literária de Minas», pag. 8.

que ainda são de louvar-se quando se cifram á narrativa singela dos factos, não descambando em libellos apaixonados ou mesquinhas bajulações.

Nas curiosas descrições de costumes, festas, tradições, combates contra o gentio payaguá, chegadas de monção, descobertas e outros eventos, que enchem esses épos gloriosos de nossa vida, valem essas chronicas pelas deliciosas e ingênuas narrativas dos aédos e rhapsodos hellenicos, dos bardos escandinavos, dos *troubadours* populares da velha Provença, em cujas rudes canções os austeros historiographos vão muitas vezes procurar as fontes mais seguras para os seus ensaios.

Merecem citados, como obras de maior vulto neste período, a «Relação das povoações de Cuiabá e Mato-Grosso de seus primeiros thé os presentes tempos» (3), da lavra de Joseph Barbosa de Sá, o primeiro chronista cuyabano, licenciado, fallecido a 30 de maio de 1776 e autor também dos «Diálogos geographicos, chronologicos, políticos e naturaes»; o «Compendio histórico chronologico das noticias de Cuyaba, Repartição da Capitania de Mato-Grosso», de Joaquim da Costa e Siqueira, paulistano, vereador que foi do senado da Câmara de Cuyabá, onde falleceu em 1821 (4); as «Memórias chronologicas da Capitania de Mato Grosso» de Felipe José Nogueira Coelho, provedor da Fazenda Real e intendência do ouro de Villa-Bella, que se occupam principalmente do districto guaporéano (5); as «Noticias praticas de minas do Cuiabá» de Cabral Camello (6) e as «Memórias» do Pe. José Manuel de Siqueira, cuyabano, fallecido em 1825, que pertenceu a Academia das Sciencias de Lisboa, tendo sido formado em Cânones pela Universidade de Coimbra (7).

(3) Publicada nos «Annaes da Bibliotheca. Nacional», vol. XXIII.

(4) Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, vol. XIII.

(5) Idem, ibidem.

(6) Idem, vol. IV.

(7) A «Memória sobre a quina» foi publicada na Rev. do I. H. de Matto-Grosso, vol. XV; a sobre os «Martyrios» no livro «Viagem ao Araguaya» de Couto de Magalhães.

A phase das explorações scientificas

Se o primeiro se faz notar pela preocupação puramente chronologica do registo dos acontecimentos, em phraseado muitas vezes empolado, com citações clássicas e cheirando a humanismo, o segundo período se caracteriza pelo despertar do espírito investigador diante do enigma da terra immensa, mal povoada, offerecendo vastíssimo campo a estudos e indagações, nos mais variados ramos dos humanos conhecimentos.

A flora, a fauna, os accidentes geographicos e geológicos, a estatística, a ethnographia, os ensaios e reconhecimentos technicos, forneceram a essa plêiade de sábios que penetram, enthusiasmados ante a sua belleza e plethora de vida, os sertões mattogrossenses, um veeiro de curiosos e variados trabalhos que formam, por assim dizer, o embasamento dos estudos sobre Matto-Grosso e que ainda hoje são procurados e deletreados com prazer por quantos se interessem pelas cousas de nossa terra.

São os pontos culminantes dessa cadeia de intelligencias votadas ao exame de nossas cousas, os chamados «predecessores de Rondon», na feliz denominação de Virgilio Corrêa Filho, que em curioso ensaio lhes fixou as individualidades de eleição — Francisco José de Lacerda e Almeida, paulista, autor do precioso «Diário da viagem que fez desde Villa-Bella, Capital de Matto-Grosso, até a Villa-Praça de Santos»; Antonio Pires da Silva Pontes, mineiro, companheiro do anterior nas jornadas de penosos reconhecimentos pelos sertões oestinos; Ricardo Franco de Almeida Serra, português, em quem culminaram qualidades de sábio e de heróe, autor das melhores monographias sobre Matto-Grosso na phase colonial, fallecido no Forte de Coimbra, em 21 de Janeiro de 1809; Luis d'Alincourt, também português e militar, autor das preciosas memórias «Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da Província de Matto-Grosso», que compendia valiosos informes para a reconstrucção da vida de Matto-Grosso no período que precede á Independência (8);

(8) Publicados nos «Annaes da Bibliotheca Nacional», vols. III e VIII.

Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, que em suas variadíssimas memórias muito percorreu acerca de Matto-Grosso na sua zona septentrional; Hercules Florence, da expedição *Langsdorff*, Beaurepaire Rohan, D'Orbiguy, Bossi, Castelnau, e tantos outros que assignalam essa época de estudiosos amadores e turistas insignes.

Avulta entre todos, pela sua capacidade de trabalho e pelo seu polymorphico engenho, o bretão Augusto Leverger, Barão de Melgaço, mestre de toda uma geração e padrão vivo de amor e carinho á terra mato-grossense que adoptara por sua (1802-1881).

Nota-se nesta phase o ressurgimento do verdadeiro espirito clássico, banidas quasi de todo as manifestações gongoricas, e encaminhando-se o estylo para a sobriedade das monographias technicas.

De feito, as memórias, em geral, são escriptas em linguagem tersa, expostas com clareza, a ponto de poderem figurar muitas dellas como trabalhos literários, não fora o seu thema de pura especulação scientifica.

A época do romantismo

A escola do romantismo, que começou a manifestar-se no Brasil quando, no dizer de Almachio Diniz, «em muitos outros centros civilizados já era clássico» (9) veio a produzir entre nos os seus fructos na época justamente em que, pelo resto do pais, os credos parnasianista e symbolista se faziam victoriosos. Facto e este de fácil explicação, dada a nossa distancia e isolamento em que vivemos, qual o da retardança com que aqui nos chegam os novos ideaes artísticos das escolas literárias. Assim é que emquanto, no Rio e em São Paulo, se fazia sentir a reacção accentuada dos «novos» contra a pieguice e a trivialidade em que iam recahindo os românticos, em Cuyaba (e Cuyabá literariamente significava até bem pouco todo o Matto-Grosso),

(9) Da *Esthetica na literatura comparada*, pag. 173

os nossos poetas desferiam a sua lyrica singela, docemente inspiradas no estro dos vates do romantismo, sobretudo daquelles que José Veríssimo agrupou sob a denominação de «segunda geração romântica».

O advento do parnasianismo no Brasil occorreu na década de 1880, com o apparecimento de Bilac e Alberto de Oliveira, sobretudo dos «Sonetos e rimas» deste ultimo. Pois, precisamente por esse tempo, em que a religião de Leconte e Heredia encontrava ferventes adoradores lá fora, é que aqui despertavam, balbuciantes, as primeiras vocações poéticas apreciáveis, filiadas ao padrão de Musset e Vigny, de Casimiro, Varella e Álvares de Azevedo. É nos dois decennios de 1870 a 1890 que a poesia romântica ostenta em Matto-Grosso os seus mais característicos cultores: Amâncio Pulcherio de França (1846—1881) e José Thomas de Almeida Serra (1869—1889). São elles, por sem duvida, os corypheus do romantismo cuyabano e, quer pelo mérito ou quantidade dos trabalhos, os que ainda hoje ferem a attenção de quem se disponha a estudar a nossa poesia no seu primeiro grau evolutivo, eis que a forma clássica, anterior ao romantismo, não teve aqui representantes no verso.

Amâncio Pulcherio deixou bagagem muito mais resumida que a seu companheiro, mas os seus trabalhos, comquanto poucos, revelam imaginativa e qualidades de forma bem apreciáveis. De José Thomas, cujo feitio literário Cesário Neto bem definiu como sendo «mais de um puro elegíaco, de que a de um lyrico» (10), nos resta um volume de cerca de cem produções, algumas reveladoras de excepçoes attributos poéticos.

Em torno a esses dois vultos principaes, outros se agrupam, de menor relevo, mas que a rigor não merecem esquecidos num conjuncto dos nossos valores intellectuaes: — José Delfino da Silva, fallecido no Rio Grande do Sul em 1900, Francisco Catharino Teixeira de Brito, que alem de poeta foi também pintor delicado, Luis Theodoro Monteiro, elegíaco, como J. Thomas,

(10) «Elogio de José Thomas», na *Rev. do Centro M. G. de Letras*, yol. VIII, pag. 61.

Epítome da história literária de Mato Grosso — 1934

Antonio Correa do Couto, lyrico de merecimento, Flavio Crescencio de Mattos, um bello talento, devorado tragicamente pelo Moloch da política sanguinária em 1901, João Marciano Barreto, e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, que primou no gênero satírico.

Entre os estranhos, ligados a Matto-Grosso e que aqui escreveram, podem ser referidos Antonio Gonçalves de Carvalho, riograndense do sul, (1844—?), autor da «Flor de neve» e delicado traductor de poetas ingleses; Joaquim José Rodrigues Calhau, bahiano (†1885), que deixou uma obra «Harpejos poéticos», além de muitas produções esparsas pela imprensa; Jose Ricardo de Ulhoa Cintra, gaucho, fallecido no Diamantino em plena mocidade, que, conforme o depoimento de Estevão de Mendonça, «deixou como producto do seu estro dois volumes manuscriptos de poesias», infelizmente perdidos (11).

Na imprensa, que de começo se limitava a polemicas estéreis de partidarismo, e futilidades da vida social, que Von Dén Steinen criticou com muito chiste, começam a surgir os nomes do P. Ernesto Camillo Barreto, bahiano de nascimento, mas ligado a Matto-Grosso por uma notável carreira dedicada ao magistério, a política e ao jornalismo, Caetano Xavier da Silva Pereira, Aquilino do Amaral, também poeta e tribuno fogoso, José da Costa Leite Falcão, causídico de merecimento, além dos já citados Ramiro, Calhau e outros.

A Historia começa a despertar vocações estimuladas pelo exemplo de Leverger, sobrelevando João Augusto Caldas (1836 — 1887), cujas obras, infelizmente, em grande parte se extraviaram, restando apenas uma curiosa «Memória sobre os Índios de Matto-Grosso».

Surgem associações de character literário, algumas destinadas a rápido mallogro, mas outras conseguindo bella floração e fructecendo em opimos resultados — como a «Associação Literária Cuyabana», fundada em 1884 e que só veio a desaparecer inteiramente em 1924. Por outro lado,

(11) Datas Mattogrossenses, II, 358.

JOSÉ DE MESQUITA

o ensino recebe propulsão notável, com a criação do Lyceu Cuyabano, que, ao lado do Seminário da Conceição, grande serviço veio prestar a mocidade estudiosa.

Os magnos problemas da Abolição e da Republica apaixonam e empolgam os espíritos saturados de liberalismo, que é o romantismo da política. Pela imprensa, os campeões das ideas em voga predicam os seus ensinamentos.

Francisco Agostinho Ribeiro, José Barnabé de Mesquita (senior), Luis da Costa Ribeiro, P. Francisco Bueno de Sampaio, Caetano de Albuquerque, e outros, são os porta-vozes da geração denodada e brilhante, que precedeu em Matto-Grosso as grandes victorias nacionaes de 1888 e 1889.

Com a Republica, infelizmente, ao contrario do que era dado esperar, abriu-se a era sangrenta das revoluções e do partidarismo exaltado, constituindo-se verdadeiro hiato em nossa evolução, durante o qual, como é natural, muitas vocações se perderam na esterilidade da politicalha extremada, quando não emmudeceram no silencio do ostracismo, do terror ou da morte.

A era contemporânea

Pode-se estabelecer como o marco delimitador da nova phase literária em Matto-Grosso o decennio de 1910, em que as letras e a própria imprensa entram a desenvolver-se, com um novo vivo e entusiasmo.

O período intermediário, comquanto desfavorável a eclosão de vocações literárias, deixara nomes bastante acatáveis no puro domínio das letras, como Vieira de Almeida, contista delicado e de fino estylo, Frederico Prado, humorista e poeta, Francisco Marianni Wanderley, o folhetinista exímio, e a plêiade de jornalistas que se reuniram no «O Republicano», em 1898, um dos mais bem feitos jornaes que Cuyabá já possuía, e n'«O Pharol», órgão de moços, mas de muito criteriosa orientação.

É, porem, com a «Revista Matto-Grosso», editada pelo Lyceu Salesiano «São Gonçalo», sob a direcção do Pe. Helvécio Gomes de Oliveira (hoje Arcebispo de Marianna) e depois do Pe.

Epítome da história literária de Mato Grosso — 1934

Francisco de Aquino Corrêa (hoje Arcebispo de Cuyabá), que começam a florar, no cenário das letras, os nomes destinados a constituir as figuras representativas da actual geração literária. Essa nova geração trazia uma profunda crença no futuro de Matto-Grosso, um culto extremado das suas grandezas, e, quer na lyra dos seus poetas, quer nas paginas dos seus prosistas, se affirma uníssona essa visão esperançosa de um porvir alviçareiro para a sua terra.

A Noroeste, inaugurada em 1914, se bem que não solucionasse de vez o nosso problema das communicações, veio, todavia, por assim dizer, revelar ao resto do país este portentoso Matto-Grosso, cuja zona Sul em pouco se povoava e florescia em cidades e villas, como uma Chanaan maravilhosa de riquezas e possibilidades incomparáveis. Para o sadio e alto regionalismo se orienta, sob a liderança de D. Aquino Corrêa, essa geração sahida quasi toda dos bancos dos Lyceus Salesiano e Cuyabano, e que aprende das lições do cantor da «Terra natal» o culto commovido do passado mattogrossense e das suas luminosas esperanças. De 1910 a 1920 prepara-se a sementeira que havia de abrolhar, logo no inicio da década seguinte, já na administração do Bispo-Presidente, nessa associação que é o «Centro Mattogrossense de Letras», coordenadora e arregimentadora dos valores mais apreciáveis da intellectualidade contemporânea em Matto-Grosso. E tal foi a influencia exercida por essa sociedade, fundada a 22 de maio de 1921, que se pode dizer que a chronologia literária em nosso meio se divide em dois períodos definidos — antes do «Centro» e depois do «Centro».

Elementos antes dispersos se aproximaram, num núcleo de cohesão, assimilando-se em um ideal affim de cultura. A «Revista», com pouco, vinha a lume, archivadora das produções do mais variado gosto e estylo. Aos fundadores, que subscreveram a carta de convite, — José de Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes — se juntaram, numa perfeita união de vistas, os outros vinte e um sócios, dos quaes 9 também considerados fundadores — D. Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça, João Cunha, Virgilio Corrêa Filho, M. C. de Oliveira

JOSÉ DE MESQUITA

Mello, Philogonio de Paula Corrêa, Cesário Prado, Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano da Silva.

Os outros doze effectivos, com os quaes se integrou o numero de vinte e quatro cadeiras, foram: Anna Luisa Prado, Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Jose Magno da Silva Pereira († em 1927), José Raul Vilá, Leovigildo Martins de Mello († em 1922), Manuel Paes de Oliveira, Manuel Xavier Paes Barreto, Octavio Cunha, Palmyro Pimenta e Ulysses Cuiabano. Actualmente, fazem parte da «Academia» em que se converteu o «Centro», alem dos já citados fundadores, por substituição de sócios fallecidos ou residentes fora do Estado, os seguintes belletristas: Isác Povoas, Francisco Mendes, Oscarino Ramos, Leônidas de Mattos, Nilo Povoas, D. Maria Ponce de Arruda Müller, Olegário de Barros e Allyrio de Figueiredo.

Da vitalidade do «Centro» em doze annos de fecundos trabalhos, falam bem alto a sua «Revista», as sessões memoráveis que tem realizado, as suas «horas literárias», já francamente acolhidas pelo nosso escol social, e, ainda mais, a farta messe bibliographica dos seus membros, que, numa emulação louvabilíssima, vem dotando annualmente a cultura mattogrossense de obras de subido mérito.

Citarei ao correr da penna as seguintes: *D. Aquino Corrêa* — «Odes», «Terra Natal» e «Discursos», alem de grande numero de publicações, em folhetos, de pastoraes, conferencias e trabalhos diversos; *José de Mesquita* — «Poesias», «Terra do Berço», «Da Epopea Mattogrossense», «A Cavallhada» e «Espelho de Almas» (contos); *Lamartine Mendes* — «Serras e pantanaes» e «<Águas passadas»; *Allyrio de Figueiredo* — «Poesias» e «Poemas e poeira»; *José Raul Vilá* — «Rondônia»; *A. Tolentino de Almeida* - «Illusões doiradas», «A retirada da Laguna» e «A Índia Rosa» — (poemetos); *Cesário Neto* — «Na pista de Rocinante»; *Nilo Póvoas* — «Esboço de Historia da Literatura Brasileira», e outros ensaios; *Franklin Cassiano* — «Subsidio para o estudo da Dialectologia»; *G. Ponce Filho* — «D. Aquino Corrêa», «Por Matto-Grosso na Federação»; *A. Cavalcanti* — «O Tabernaculo»,

Epítome da história literária de Mato Grosso — 1934

e varias traducções; *Arnaldo Serra* — «Almas penadas» (contos regionaes) e «Aromita»; *Soter Caio* — «Ex-tudo», versos mathematicos; e outros.

Fora da Academia, são de mencionar-se João Nunes, poeta de inspiração romântica, que deixou grande copia de trabalhos dispersos; Joaquim Marques, autor do «Paginas a esmo»; Feliciano Galdino, que publicou «Lendas Mattogrossenses», «O Perigo yankee» e outros trabalhos; Pery Alves de Campos, jornalista e autor da «Flor do matto», estudo sobre Jose de Alencar; Fernando de Campos, abalizado em conhecimentos philologicos e mathematicos; e outros que fora longo citar.

Incentivando vocações e propagando o amor aos estudos do Passado, O Instituto Histórico de Matto-Grosso, fundado a 8 de Abril de 1919, por ocasião das grandes festas bicentenárias de Cuyabá, mantém uma «Revista» — já no seu 15º anno, e tem patrocinado e estimulado a publicação de obras valiosas, versando assumptos históricos, editados na ultima década, das quaes citaremos: «Datas Mattogrossenses» de Estevão de Mendonça, «Matto-Grosso», «Notas á margem», «As Raias de Matto-Grosso», «Monographias cuiabanas» de Virgilio Corrêa Filho, «Limites de Matto Grosso com Goyaz» de Philogonio Corrêa, «A Tribu dos boróros» e «Bororo Orientali» do P. Colbacchini, «A Invasão paraguaya em Matto-Grosso», de Antonio Fernandes de Souza, «Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras» de Antonio Corrêa da Costa, «O thaumaturgo do sertão», «Um paladino do nacionalismo» e outros ensaios biographicos e genealógicos de José de Mesquita, alem dos inestimáveis trabalhos da «Commissão Rondon», que tem á sua testa o grande sertanista e maior conhecedor de geographia mattogrossense, general Candido Mariano da Silva Rondon.

O «Grêmio Julia Lopes», fundado a 25 de Dezembro de 1916, tem por sua vez contribuído efficaçmente para o desenvolvimento da cultura feminina, devendo-se accentuar as qualidades organizadoras das que o crearam: Francisca de Figueiredo, Teresa Lobo, Maria Ponce de Arruda, Maria Dimpina, Regina Prado,

JOSÉ DE MESQUITA

Mariana Povoas, Bernardina Rich, e outras. Edita uma revista, «A Violeta», já o seu 19.º ano de existência.

Muitas outras sociedades ephemerhas tem surgido e desaparecido, não sem deixar alguns benefícios á cultura, como o «Grêmio Castro Alves» de moços e o «Instituto Philologico Mattogrossense», fundado sob os melhores auspícios, mas de curta duração.

Estupenda tem sido a evolução da imprensa em Matto-Grosso, surgida há quasi um século, em 1839, no governo Pimenta Bueno, e que presentemente espelha ao vivo a mentalidade do nosso Estado, em grande numero de órgãos espalhados por suas cidades mais importantes, sendo que só a Capital possui 5 jornaes e outras tantas revistas, Corumbá dois diários, e Campo Grande, 3 jornaes e uma optima revista «A Folha da Serra».

Em traços geraes, ahí fica bosquejada a evolução literária de Matto-Grosso. Não se trata, bem é de ver, de um ensaio critico nem de um minucioso estudo analytico dessa evolução, trabalho para muito tempo e lazeres que ora me faltam. São materiaes esparsos, que procurei reunir, para opportuno desenvolvimento, que, *Deo juvante*, se fará mais tarde, se é que, antes disso, obra de fôlego não vier supprir à falta deste trabalho, pois fiz o que, no momento, me coube, e... *faciant meliora poentes*.

Nota de pesquisa:

“*Epítome da história literária de Mato Grosso*”, consta como *verbete*, nos seguintes livros de referência:

- Introdução ao estudo da literatura brasileira; J. Brito Broca e José Galante de Sousa, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963, pág. 183;